

APRESENTAÇÃO

O número 30 da revista *Convergência Lusíada* tem como tema principal a literatura portuguesa contemporânea, aqui entendida como a literatura produzida nos últimos 40 anos em Portugal. Trata-se, como se sabe, de um período marcado por eventos determinantes, como a revolução democrática de abril de 1974, seguida do fim da ditadura e da guerra colonial, da entrada na Comunidade Europeia e, mais recentemente, da intervenção da troika.

Não é de estranhar, portanto, que cinco dos ensaios apresentados discutam narrativas produzidas justamente durante as décadas seguintes à revolução, na tentativa de pensar criticamente, e agora em liberdade, as feridas passadas e os destinos futuros de Portugal enquanto país. Sandra Guerreiro Dias pensa sobre a problemática relação entre história e literatura, detendo-se na ficção de três vozes femininas emergentes na literatura portuguesa no imediato pós-25 de abril: Eduarda Dionísio, Olga Gonçalves e Lídia Jorge. Juliana Garcia discute os modos como a peça *Corpo-delito na sala de espelhos*, de José Cardoso Pires, interpreta a tensão do período da ditadura, aborda o revezamento dos papéis sociais e alude à questão da identidade. Marcelo G. Oliveira repensa o lugar de *Levantado do chão*, considerado o último romance neorealista português, na produção ficcional de José Saramago, bem como a sua importância para a consideração de um pós-modernismo literário em Portugal na segunda metade do século XX. Suzana Costa da Silva observa, no romance *As naus*, de António Lobo Antunes, a forma como o passado é utilizado para se desconstruir criticamente o presente, através da metaficção historiográfica. Luís Mourão propõe uma leitura dos romances de Luísa Costa Gomes a partir do que define como “o pós-moderno em regime não-heróico”, narrativas em que a paródia e o pastiche não visam diretamente a crítica da realidade, mas antes a queda da realidade no seu lado hiperrealista.

Também sobre a literatura contemporânea, mas sem incidirem na questão histórica propriamente dita, temos os artigos de Gustavo Bragança e de Ermelinda Ferreira. O primeiro discute aspectos da trajetória editorial do *Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa, a partir de análise crítica das escolhas dos editores, destacando-se o impacto produzido pela primeira edição, publicada em 1982, por Jacinto do Prado

Coelho, Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha, e outras edições mais recentes, por vezes conflitantes, como as de Richard Zenith e de Jerónimo Pizarro. Ermelinda Ferreira aborda, em seu ensaio, as escritas autobiográficas e/ou autoficcionais de cunho testemunhal, relativas a eventos ligados à doença, neste caso as de dois autores recentemente vitimados pelo câncer, o português António Lobo Antunes e o brasileiro Alberto da Cunha Melo.

Sobre obras de autores mais jovens, menos sensíveis a questões da história e da identidade nacional, apresentam-se dois ensaios. Pedro Meneses discorre sobre *A máquina de Joseph Walser*, de Gonçalo M. Tavares (1970), mostrando o fascínio dos despossuídos pela máquina que os explora e os engrandece fantasmaticamente, o que cria sujeitos cuja rasura e encapsulamento existencial deixa o mundo à mercê de todas as formas de dominação do tardo-capitalismo. Carlos Nogueira escreve sobre *Enciclopédia da estória universal*, de Afonso Cruz (1971), um escritor em cuja obra se cruzam livremente os discursos da filosofia, da história, da antropologia, questionando a estabilidade do conhecimento do humano e as certezas da sua ética individual e colectiva.

Na sessão *vária*, fora do eixo temporal definido como tema para este número, publicamos dois artigos, bastante diferentes entre si, embora tenham em comum o fato tratarem de autores com fortes relações com o Brasil. O primeiro deles, de Amon Pinho, trata das possíveis afinidades entre o pensamento profético-escatológico do Padre Antônio Vieira e alguns dos aspectos messiânicos da cultura popular tradicional luso-afro-brasileira, a partir de trabalhos do português Agostinho da Silva e do brasileiro Ariano Suassuna. Ana Paula Barcelos, por sua vez, propõe uma reflexão sobre o historiador e crítico literário português Fidelino de Figueiredo (1889-1967), exilado no Brasil, a partir de temas subjetivos como o medo, a angústia e a morte, muito presentes em sua obra.

Como veem, são muitas as possibilidades de abordagem da literatura contemporânea portuguesa aqui desenvolvidas, indo da narrativa histórica à fabulação poética passando pela autobiografia ficcionalizada. Convidamos os leitores, então, a partilharem conosco estes textos que revelam uma multiplicidade de abordagens e olhares.

Luís Mourão
Madalena Vaz Pinto